



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Nome do Curso: ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
Nível: PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO E ENVIO DAS RESPOSTAS

Prezado(a) candidato(a),

Para a realização desta prova, a consulta a materiais impressos e a sites não é recomendada, pois as respostas devem ser **AUTORAIS**, a partir das **SUAS** reflexões a respeito das questões propostas. Você **NÃO** deve fazer citações de teóricos nem copiar trechos de textos, principalmente da internet. Trechos copiados não serão considerados na avaliação. Desenvolva suas respostas de forma coesa e coerente, sem utilizar tópicos – construa períodos completos, organizados em parágrafos.

Formatação:

- tamanho de página A4 (21cm x 29,7cm);
- fonte *ARIAL* em tamanho 12;
- espaço 1,5 entre linhas;
- parágrafos justificados;
- margem superior e esquerda de 3 cm e margem inferior e direita de 2 cm;
- NOME COMPLETO no cabeçalho da folha resposta;
- indicação da questão conforme exemplo: **QUESTÃO 1 / QUESTÃO 2 / QUESTÃO 3 e QUESTÃO 4 (4A e 4B)**;
- desenvolvimento das respostas na mesma ordem em que são apresentadas nas propostas.

Envio do arquivo:

- Salvar o arquivo em formato pdf e nomeá-lo da seguinte forma: nome e sobrenome do candidato + Prova. Ex: MariaSilvaProva.pdf
- Observar as orientações dos itens 4.2.5, 4.2.6 e 4.2.7 do Edital de seleção, transcritas a seguir:

4.2.5 A prova será disponibilizada na Plataforma MOODLE UFF (<http://www.cead.uff.br/ead/login/index.php>) 20 (vinte) minutos antes do início previsto para sua realização (às 8h40min). Os candidatos devem acessar a Plataforma, fazer o *download* do arquivo da prova e responder às questões, conforme solicitado. Ao concluir a prova, o candidato deverá fazer o *upload* do respectivo arquivo com suas respostas em formato PDF, no mesmo site. O *upload* do arquivo somente será aceito se realizado na data e horário previstos para a realização dessa etapa (**dia 24 de janeiro, das 9 às 13 horas**). Recomenda-se que o envio do arquivo seja feito com antecedência. A Banca de Seleção deste Edital não se responsabilizará por documentos não recebidos, seja em decorrência de problemas técnicos, seja por congestionamentos no sistema.

4.2.6 A prova escrita de conhecimento específico terá duração de **quatro horas**. O *upload* do arquivo da prova escrita deverá ser feito nesse período de tempo. Em hipótese alguma, serão aceitas respostas enviadas sob qualquer outra forma que não o *upload* do arquivo no formato PDF no sistema disponível (PLATAFORMA MOODLE UFF: <http://www.cead.uff.br/ead/login/index.php>). É de inteira responsabilidade do candidato o envio dos documentos via sistema, no prazo estabelecido neste edital.

4.2.7 Serão desclassificadas as provas que contiverem plágio de material de qualquer natureza, conforme previsto na cartilha sobre plágio acadêmico da UFF: "O plágio acadêmico se configura quando um aluno retira, seja de livros ou da Internet, ideias, conceitos ou frases de outro autor (que as formulou e as publicou), sem lhe dar o devido crédito, sem citá-lo como fonte de pesquisa." (<http://www.noticias.uff.br/arquivos/cartilha-sobre-plagio-academico.pdf>).

PROVA DE ACESSO – 2022/1

TEXTO 1:

“Eu e o Outro – o invasor” (ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto)

¹ Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões.

² A partir daí comecei a pensar que tu não eras tu, mas outro, por me parecer difícil aceitar que da tua identidade fazia parte esse projeto de chegar e bombardear o meu texto. Mais tarde viria a constatar que detinhas mais outra arma poderosa além do canhão: a escrita. E que também sistematicamente no texto que fazias escrito inventavas destruir o meu texto ouvido e visto. Eu sou eu e a minha identidade nunca a havia pensado integrando a destruição do que não me pertence.

³ Mas agora sinto vontade de me apoderar do teu canhão, desmontá-lo peça a peça, refazê-lo e disparar não contra o teu texto não na intenção de o liquidar mas para exterminar dele a parte que me agride. Afinal assim identificando-me sempre eu, até posso ajudar-te à busca de uma identidade em que sejas tu quando eu te olho, em vez de seres o outro.

⁴ Mas para fazer isto eu tenho que transformar e transformo-me. Assim na minha oratura para além das estórias antigas na memória do tempo eu vou passar a incluir-te. Vou inventar novas estórias. [...]

⁵ E agora o meu texto se ele trouxe a escrita? O meu texto tem que se manter assim oraturizado e oraturizante. Se eu perco a cosmicidade do rito perco a luta. Ah! Não tinha reparado. Afinal isto é uma luta. E eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. Se o fizer deixo de ser eu e fico outro, aliás como o outro quer. Então vou preservar o meu texto, engrossá-lo mais ainda de cantos guerreiros. Mas a escrita. A escrita. Finalmente apodero-me dela. E agora? Vou passar o meu texto oral para a escrita? Não. É que a partir do movimento em que eu o transferir para o espaço da folha branca, ele quase morre. Não tem árvores. Não tem ritual. Não tem as crianças sentadas segundo o quadro comunitário estabelecido. Não tem som. Não tem dança. Não tem braços. Não tem olhos. Não tem bocas. O texto são bocas negras na escrita quase redundam num mutismo sobre a folha branca.

⁶ O texto oral tem vezes que só pode ser falado por alguns de nós. E há palavras que só alguns de nós podem ouvir. No texto escrito posso liquidar este código aglutinador. Outra arma secreta para combater o outro e impedir que ele me descodifique para depois me destruir.

⁷ Como escrever a história, o poema, o provérbio sobre a folha branca? Saltando pura e simplesmente da fala para a escrita e submetendo-me ao rigor do código que a escrita já comporta? Isso não. No texto oral já disse: não toco e não o deixo minar pela escrita, arma que eu conquistei ao outro. Não posso matar o meu texto com a arma do outro. Vou é minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto. Invento outro texto. Interfiro, desescrevo para que conquiste a partir do instrumento de escrita um texto escrito meu, da minha identidade. Os personagens do meu texto têm de se movimentar como no outro texto inicial. Têm de cantar. Dançar. Em suma temos de ser nós. ‘Nós mesmos’. Assim reforço a identidade com a literatura.

⁸ Só que agora porque o meu espaço e tempo foi agredido, para defender por vezes dessituo do espaço e tempo o tempo mais total. O mundo não sou eu só. O mundo somos nós e os outros. E quando a minha literatura transborda a minha identidade é arma de luta e deve ser ação de interferir no mundo total para que se conquiste então o mundo universal.

⁹ Escrever então é viver.

¹⁰ Escrever assim é lutar.

¹¹ Literatura e identidade. Princípio e fim. Transformador. Dinâmico. Nunca estático para que além da defesa de mim me reconheça sempre que sou eu a partir de nós também para a desalienação do outro até que um dia e virá “os portos do mundo sejam portos de todo o mundo”.

¹² Até lá não se espantem. É quase natural que eu escreva também ódio por amor ao amor!

RUI, Manuel. Eu e o Outro – o invasor (ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto). São Paulo: Centro Cultural, 1985. Comunicação apresentada no Encontro “Perfil da Literatura Negra”.

Oratura: Literatura oral. Conjunto de lendas, fábulas, mitos e canções transmitidas pelos mais velhos nas comunidades tradicionais africanas. Essas “estórias” são acompanhadas de gestos, dança e música, o que confere carga dramática a elas.

TEXTO 2:

[....]

As palavras de Manuel Rui Monteiro apontam para uma transgressão no modelo de escrita; um fazer literário que recupere a voz e, com ela, toda a gestualidade do ritual coletivo, da magia que envolve o contar/ouvir estórias. Para ele, submeter a escrita à oralidade é inscrever e reforçar a sua identidade, em oposição à identidade do outro.

[...]

(Calado, K. de A. O narrador performático em Rioseco, de Manuel Rui. *Scripta*, v. 19, n.37, p. 121-136, 2018.)

QUESTÃO 1 (2,5 pontos):

No processo de leitura e compreensão de textos, além dos sentidos explícitos, há os implícitos, que precisam, por meio de uma atividade interpretativa inferencial, ser deduzidos pelo leitor. Releia o seguinte trecho do texto 1:

A partir daí comecei a pensar que tu não eras tu, mas outro, por me parecer difícil aceitar que da tua identidade fazia parte esse projeto de chegar e bombardear o meu texto. Mais tarde viria a constatar que detinhas mais outra arma poderosa além do canhão: a escrita. [...]

Mas agora sinto vontade de me apoderar do teu canhão, desmontá-lo peça a peça, refazê-lo e disparar [...] (2º e 3º parágrafos)

[...]

Literatura e identidade. Princípio e fim. Transformador. Dinâmico. Nunca estático para que além da defesa de mim me reconheça sempre que sou eu a partir de nós também para a desalienação do outro até que um dia e virá “os portos do mundo sejam portos de todo o mundo”.

Até lá não se espantem. É quase natural que eu escreva também ódio por amor ao amor! (11º e 12º parágrafos)

Que figura de linguagem se pode depreender de “arma poderosa além do canhão”? Identifique e explique o recurso utilizado. Além disso, esclareça o sentido que se pode inferir da expressão em destaque, levando em consideração toda a leitura dos textos 1 e 2 e, em especial, as partes sublinhadas no trecho acima. **(Máximo de 15 linhas)**

QUESTÃO 2 (2,5 pontos):

(I) “Vou passar o meu texto oral para a escrita? Não. É que a partir do movimento em que eu o transferir para o espaço da folha branca, ele quase morre.” (Texto 1, 5º parágrafo)

(II) “[...] um poema declamado não se torna uma linguagem falada no ato da declamação e sim um texto escrito *oralizado*, já que sua concepção foi no formato escrito. [...] defendo que *o som não é uma condição suficiente para a definição da língua falada*. [...] (MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 192).

Em todo o texto, o narrador fala de sua relação com a oralidade e a escrita. Explique a crítica feita por ele e faça um paralelo entre as duas modalidades da língua, levando em consideração seus estudos das leituras recomendadas em Edital para esta prova e, principalmente, o fragmento (II). **(Máximo de 15 linhas)**

QUESTÃO 3 (2,5 pontos):

A *oratura* pode ser definida como “a arte de criar, recriar, transmitir e conservar oralmente composições poéticas, narrativas, dramáticas e outras configurações performativas” (GOMES, 2019)¹. Inspirando-se em “oratura”, no quinto parágrafo, o autor usa as palavras “*oraturizado*” e “*oraturizante*”, não registradas nos dicionários. Além disso, no texto, são empregadas as palavras “*desescrevo*” (7º parágrafo) e “*dessituo*” (8º parágrafo).

De acordo com Azeredo (2008, p. 395), em geral, conhecemos o significado das palavras como se cada uma fosse independente da outra e, por isso, temos a impressão de que “as palavras pertencem a um estoque guardado na memória”. Contudo, a memória armazena somente uma parte, pois há, na língua, matrizes morfológicas que nos possibilitam criar novos vocábulos, tornando “bem menos penosa nossa necessidade de memorizá-los”.

A partir das considerações feitas, discorra sobre o **conceito de neologismo** e, além disso, identifique e explique os **processos formadores** das palavras elencadas, revelando o **sentido dos novos lexemas**. **(Máximo de 15 linhas)**

¹ GOMES, Isabel (2019), "Oratura", *Dicionário Alice*. Disponível em: https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24459. ISBN: 978-989-8847-08-9. Acesso em: 13 jan. 2022.

QUESTÃO 4:

Releia o parágrafo inicial do texto 1 e responda.

“Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões.”

[...]

A- Identifique e descreva a relação sintática que articula as orações do primeiro período do texto. Em sua resposta, analise sintaticamente a frase e especifique a função de cada oração. **(1,0 ponto - Máximo de 10 linhas).**

B- Cunha e Cintra (2001, p. 149) agrupam os adjuntos adverbiais entre os chamados termos acessórios, destacando que “embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado”.

Considere a relação semântica entre o que se diz no primeiro período e as outras ideias desenvolvidas no parágrafo e explique por que a perspectiva citada pode ser questionada. **(1,5 ponto - Máximo de 10 linhas).**

BOA PROVA!